

OFICINA DE LEITURA – CONTOS MACHADIANOS

CRISTIANE MOREIRA NEVES DIAS



Ilustração: Poeme-se



OFICINA DE LEITURA – CONTOS MACHADIANOS

CRISTIANE MOREIRA NEVES DIAS

AUTORA

PROFA. DRA. ZORAIDE PORTELA SILVA

ORIENTADORA



FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

D541o

Dias, Cristiane Moreira Neves
Oficina de Leitura: Contos Machadianos / Cristiane Moreira Neves
Dias. - Caetité, 2021.
32 fls : il.
Orientador(a): Zoraire Portela Silva.
Origem do produto: Dissertação (Mestrado Profissional) -
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade -
PPGELS,
1.Machado de Assis. 2.Literatura Afro-brasileira . 3.Contos.
4.Representação da escravidão.

CDD: 804

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e meus irmãos pelo incentivo constante em minha busca pelo conhecimento e, especialmente, dedico a todos os professores e estudantes que possam descobrir com este estudo a genialidade da escrita machadiana.



Querido(a) aluno(a),

Nessa oficina o foco principal será a leitura de dois contos – Pai contra Mãe e O caso da vara – ambos do escritor Machado de Assis. À princípio, caro(a) aluno(a), é possível que você se sinta pouco instigado(a) ao pensar na leitura de um autor do séc. XIX, mas peço que você dê uma chance para ele e vença o desafio de compreender sua escrita.

Aceitando, pois, participar desse percurso, nós buscaremos juntos caminhos possíveis para facilitar a nossa compreensão do texto machadiano, partindo de suposições, previsões e levantando hipóteses, considerando o contexto histórico dos contos na tentativa de interpretá-los. Para isso, precisamos conhecer um pouco mais do autor em questão e refletir ainda sobre o título dos dois contos escolhidos para esta oficina, buscando referências no nosso conhecimento prévio ou relacionando-os às nossas vivências para que esta seja uma experiência de leitura significativa.

1º momento – Este primeiro momento tem por objetivo nos ajudar a conhecer mais sobre o autor afro-brasileiro e sobre o período em que ele vivia e escrevia, pois assim, nós como leitores, poderemos fazer algumas previsões e criar expectativas sobre os textos, que serão comprovadas ou não ao findar da leitura, mas que facilitarão a nossa interpretação.

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Você já leu ou ouviu falar sobre alguma obra de Machado de Assis? Você sabia que ele era um homem negro, mas que ainda hoje é retratado e/ou representado como um homem branco? Observe as imagens abaixo.



Figura 1- Foto que passou por retoques, a fim de esconder ou disfarçar a afrodescendência do escritor e que, ainda hoje, é divulgada nos livros e na mídia.

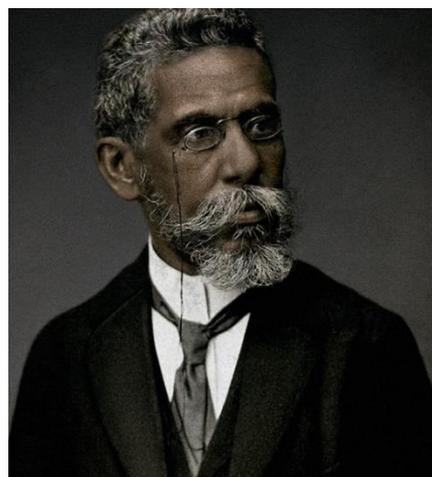


Figura 2- A campanha "Machado de Assis Real", realizada pela Faculdade Zumbi de Palmares, coloriu a famosa foto do escritor.

O autor ficou conhecido a partir do final do século XIX (1872) e início do século XX (1908) e é, hoje, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros. Seus avós foram escravizados e, portanto, seus pais, o pintor de paredes Francisco José e a lavadeira Maria Leopoldina, eram muito pobres. Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento – Rio de Janeiro, se destacou por meio de muito esforço.



Figura 3 - Ilustração: Bernardo França

Ainda na juventude, trabalhou como tipógrafo e colaborava em alguns jornais da cidade, enfrentando, além da barreira socioeconômica, o preconceito racial por ser um “homem de cor”, característica que, principalmente no período escravocrata, era usada como forma de exclusão pela sociedade racista.



Figura 4 - Ilustração: Bernardo França

SOBRE RACISMO E REGIME ESCRAVOCRATA...

O racismo, de acordo com a história, encontra-se alicerçado num artifício ideológico de superioridade de um grupo sobre outro. Surgiu a partir do interesse dos europeus colonizadores na mão-de-obra dos povos colonizados, sequestrando pessoas, em sua maioria negras, de todas as partes do mundo para serem escravizadas e com isso, eles poderiam estar sempre com o poder e a riqueza em mãos em detrimento dos mais fragilizados. Foram 300 longos anos de escravização, período marcado por muita luta e resistência de homens escravizados que tiveram a sua pátria, cultura, religião e língua arrancados de maneira monstruosa. Na segunda metade do século XIX, nosso país era um dos últimos a manter ainda a trabalho escravizado e foi só em 1888 que a escravização foi abolida no Brasil após grande pressão nacional e internacional. Todavia tanto tempo de exploração não iria desaparecer da noite para o dia e, desde então, a população negra continuou e continua sendo inferiorizada, discriminada e marginalizada, constituindo o racismo estrutural.

A obra de Machado de Assis pode ser dividida em duas fases: a **romântica** e a **realista**. A primeira com os romances: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878); A segunda com os romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). As características mais marcantes de sua escrita são a estratégia irônica e o pessimismo decorrentes da fase realista, na qual o foco das narrativas concentrava-se nas personagens e suas análises psicológicas, desnudando a hipocrisia, a ambição e vaidade da sociedade burguesa da época e o denunciando as violências do regime escravocrata.

Você sabia?

Machado de Assis não assumia uma militância abolicionista explícita, mas se empenhava de outras formas nessa luta. Trabalhou na Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura em que se tratavam da política de terras e do acompanhamento da Lei do Ventre livre. Essa lei determinava que os filhos de escravizadas nascidos a partir de 1871 deviam ser considerados livres.

(DUARTE, 2007)



Figura 5 - Ilustração: Bernardo França

- ✓ Então, caro(a) aluno(a), o que você acha que podemos esperar dos contos – *Pai contra Mãe* e *O caso da Vara* – que iremos conhecer a seguir, considerando os aspectos apresentados da vida do escritor como a estratégia de sua escrita crítica?

2º momento – Agora nós iremos conhecer um pouco do gênero Conto e fazer algumas previsões do que esperamos encontrar na história *O Caso da Vara*, refletindo também, antes e depois da leitura, sobre o que os leitores da época estavam acostumados a ler e pensar. Isso nos ajudará a entender algumas estratégias do autor para tecer suas críticas.



O QUE É CONTO?

O conto é um tipo de narrativa que tem como característica a concisão, nele o autor procura narrar uma história sem rodeios e miudezas, é objetivo ao contar os acontecimentos buscando causar um impacto no leitor. Diferente do romance, por exemplo, que é uma narrativa maior, no conto não é necessário que se apresentem os fatos que acontecem antes ou depois, mas apenas o momento da ação do conto. É como se o contista tivesse presenciado um fato e ao observá-lo entre seu começo e desfecho, achou-o digno de contar, sem importar o que o precedeu ou procedeu. Diferente do romance, no conto há um enfoque numa única ação e toda a trama gira em torno dela.

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracterizando-se, assim, por conter *unidade de ação*, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. (MOISÉS, 1994, p. 40)

Como texto literário, o conto possui um grande papel na formação leitora, pois se tratando de um texto relativamente curto, nos dá a oportunidade de conhecer um pouco da obra de alguns autores clássicos como Machado de Assis. O conto é uma das portas de entrada ao mundo da literatura.



ALGUMAS PREVISÕES...



- ◆ O conto que iremos ler a seguir é **O Caso da Vara (1891)**. Sobre o que você acha que será essa história, pensando no título?
- ◆ Na sua opinião, o título permite que nós descubramos do que se trata a história?

Agora, iniciemos nossa leitura para descobrirmos do que realmente se trata. Faremos a leitura por partes para podermos discutir os acontecimentos. Se necessário, consulte o significado de palavras desconhecidas.

Fortuita é o feminino de fortuito. O mesmo que: repentina, impensada, imprevista, inesperada, súbita.

Moleirão é um adjetivo. O mesmo que: excessivamente mole; molenga.

Chã se refere à humildade ou uma vida sem excessos.

Vexado significa envergonhado, confuso ou intrigado.



O CASO DA VARA – MACHADO DE ASSIS

Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano, foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou vexado; não contava com o efeito que produzia nos olhos da outra gente aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava, finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não, lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Não assentara no ponto de refúgio, porque a saída estava determinada para mais tarde; uma circunstância fortuita a apressou. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si só não faria coisa útil. Foi ele que o levou ao seminário e o apresentou ao reitor:

Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor.

- Venha, acudiu este, venha o grande homem, contanto que seja também humilde e bom. A verdadeira grandeza é chã. Moço...

Tal foi a entrada. Pouco tempo depois fugiu o rapaz ao seminário. Aqui o vemos agora na rua, espantado, incerto, sem atinar com refúgio nem conselho; percorreu de memória as casas de parentes e amigos, sem se fixar em nenhuma. De repente, exclamou:

- Vou pegar-me com Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim...

Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas ideias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar. Onde morava? Estava tão atordoado, que só daí a alguns minutos é que lhe acudiu a casa; era no Largo do Capim.

- Santo nome de Jesus! Que é isto? Bradou Sinhá Rita, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada.

Damião acabava de entrar espavorido; no momento de chegar à casa, vira passar um padre, e deu um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. Depois de entrar espiou pela rótula, a ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

- Mas que é isto, Sr. Damião? Bradou novamente a dona da casa, que só agora o conhecera. Que vem fazer aqui!

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que não tivesse medo, não era nada; ia explicar tudo.

- Descanse; e explique-se.

- Já lhe digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro, mas espere.

Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou. Afinal, Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário; estava certo de que não podia ser bom padre; falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse.

PARA REFLETIR...

✓ **Caro(a) aluno(a), nessa primeira parte do conto já é possível empregarmos alguns sentidos. Anote suas respostas em seu caderno, pois, ao final, poderemos observar todos sentidos que conseguimos explorar.**

1. O autor inicia narrativa evidenciando para o seu leitor o contexto histórico que aquela sucessão de fatos estava inserida: “não sei bem o ano, foi antes de 1850”, porém o conto foi publicado em 1891. Pensando nisso, que inferências/deduções podemos fazer acerca do contexto histórico do conto?
2. A escolha dos nomes dos personagens é outro referencial interessante para se discutir nessa obra. Nessa primeira parte, temos dois nomes de personagens que valem a busca por seus significados.



- Note-se que o nome do principal personagem, Damião, de origem grega, significa vencedor, domador, aquele que subjuga;
- O nome Sinhá Rita, não por acaso, vindo do latim *Margarita* que quer dizer literalmente “pérola” ou “iluminada”.

➤ Sabendo disso, você acha que os nomes dos personagens terão relação com o desfecho do conto? O que você acredita que pode acontecer?

3. Há também um trecho no qual o narrador descreve o que parece ser o cotidiano da casa de Sinhá Rita. Nele, são citadas as “crias” da casa. O que podem ser essas “crias”?



- O termo “cria”, no contexto escravagista, era usado para se referir às crianças escravizadas, pois como a essência da escravização consistia na desumanização dos sujeitos negros, as mães negras escravizadas não eram tratadas como “grávidas”, mas sim como “prenhes”, logo, ao darem à luz, seus filhos eram chamados de “crias” e tratados como “animais domésticos” (SILVA, 2013, p.123)

✓ **Agora, continuemos nossa leitura para descobrirmos mais dessa história.**

- Como assim? Não posso nada.

- Pode, querendo.

- Não, replicou ela abanando a cabeça, não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; e então seu pai, que dizem que é zangado!

Damião viu-se perdido. Ajoelhou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos, desesperado.

- Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, por alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa.

Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas do moço, tentou levá-lo a outros sentimentos. A vida de padre era santa e bonita, disse-lhe ela; o tempo lhe mostraria que era melhor vencer as repugnâncias e um dia...

- Não nada, nunca! Redarguia Damião, abanando a cabeça e beijando-lhe as mãos, e repetia que era a sua morte.

Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

- Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém...

- Não atende? Interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro levá-lo, já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado, e corresse a dizer-lhe que precisava muito de lhe falar imediatamente.

- Anda, moleque.

Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjara-lhe algumas crias para ensinar. Depois, como ele continuasse triste, encostado a um portal, puxou-lhe o nariz, rindo:

- Ande lá, seu padreco, descanse que tudo se há de arranjar.

Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

- Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação.

Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinha-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste.

PARA REFLETIR...

✓ ANOTE!

1. Quando da apresentação de Sinhá Rita, Machado dá pistas do seu temperamento. Por que é importante saber esse detalhe na história?
2. Qual era a relação entre Sinhá Rita e João Carneiro? Isso poderia ajudar Damião?
3. O narrador também usa o termo "moleque" para se referir ao menino que fora encarregado de levar o recado de Sinhá Rita ao padrinho de Damião. No contexto oitocentista, por que você acha que ele fora usado?
4. Outra personagem surge na história: Lucrécia, cujo nome provavelmente nasceu do latim *Lucretia*, derivada da palavra *lucrum*, que quer dizer "lucro, riqueza", ou "a que lucra". Ela é descrita como uma menina frágil e com uma cicatriz na testa. Sabendo disso, você acha que o nome da menina tem relação com sua condição de vida?



SE LIGA!

[...] Durante a infância, os senhores deviam cuidar para que o escravo adquirisse todos os saberes e artimanhas, que o tornarão um escravo útil, como se espera [...] A criança escrava estava sujeita, portanto, à exposição ao mundo do trabalho desde muito cedo, e o cotidiano puramente constituído de folganças, como em alguns casos se entrevê, estava longe de ser a sua realidade (SILVA, 2013, p. 112)

➤ NA ATUALIDADE:

“Os dados de [trabalho infantil no Brasil](#) mostram que as crianças negras representam 62,7% da mão de obra precoce no país. Quando se trata de [trabalho infantil doméstico](#), esse índice aumenta para 73,5%, sendo mais de 94% meninas. Esses números só começaram a ser apresentados nas últimas pesquisas, mas podem ser explicados por um olhar histórico, segundo especialistas que trabalham com o tema (DIAS, 2021, *on-line*)

Nisto, chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Sinhá Rita, que não gastou tempo com preâmbulos. Disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesiástica, e antes um padre de menos que um padre ruim. Cá fora também se podia amar e servir a Nosso Senhor. João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar “pessoas estranhas”, e em seguida afirmou que o castigaria.

- Qual castigar, qual nada! Interrompeu Sinhá Rita. Castigar por quê? Vá, vá falar a seu compadre.

- Não afianço nada, não creio que seja possível...

- Há de ser possível, afianço eu. Se o senhor quiser, continuou ela com certo tom insinuativo, tudo se há de arranjar. Peça-lhe muito, que ele cede. Ande, Senhor João Carneiro, seu afilhado não volta para o seminário; digo-lhe que não volta...

- Mas, minha senhora...

- Vá, vá.

João Carneiro não se animava a sair, nem podia ficar. Estava entre um puxar de forças opostas. Não lhe importava, em suma que o rapaz acabasse clérigo, advogado ou médico, ou outra qualquer coisa, vadio que fosse, mas o pior é que lhe cometiam uma luta ingente com os sentimentos mais íntimos do compadre, sem certeza do resultado; e, se este fosse negativo, outra luta com Sinhá Rita, cuja última palavra era ameaçadora: “digo-lhe que ele não volta”. Tinha de haver por força um escândalo. João Carneiro estava com a pupila desvairada, a pálpebra trêmula, o peito ofegante. Os olhares que deitava a Sinhá Rita eram de súplica, mesclados de um tênue raio de censura. Por que lhe não pedia outra coisa? Por que lhe não ordenava que fosse a pé, debaixo de chuva, à Tijuca, ou Jacarepaguá? Mas logo persuadir ao compadre que mudasse a carreira do filho... Conhecia o velho; era capaz de lhe quebrar uma jarra na cara. Ah! Se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução – cruel, é certo, mas definitiva.

- Então? Insistiu Sinhá Rita.

Ele fez-lhe um gesto de mão que esperasse. Coçava a barba, procurando um recurso. Deus do céu! Um decreto do papa dissolvendo a Igreja, ou, pelo menos, extinguindo os seminários, faria acabar tudo em bem. João Carneiro voltaria para casa e ia jogar os três-setes. Imaginai que o barbeiro de Napoleão era encarregado de comandar a batalha de Austerlitz... Mas a Igreja continuava, os seminários continuavam, o afilhado continuava cosido à parede, olhos baixos esperando, sem solução apoplética.

- Vá, vá, disse Sinhá Rita dando-lhe o chapéu e a bengala.

Não teve remédio. O barbeiro meteu a navalha no estojo, travou da espada e saiu à campanha. Damião respirou; exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo.

- Ande jantar, deixe-se de melancolias.

- A senhora crê que ele alcance alguma coisa?

- Há de alcançar tudo, redarguiu Sinhá Rita cheia de si. Ande, que a sopa está esfriando.

Apesar do gênio galhofeiro de Sinhá Rita, e do seu próprio espírito leve, Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Não fiava do caráter mole do padrinho. Contudo, jantou bem; e, para o fim, voltou às pilhérias da manhã. A sobremesa, ouviu um rumor de gente na sala, e perguntou se o vinham prender.

- Hão de ser as moças.

Levantaram-se e passaram à sala. As moças eram cinco vizinhas que iam todas as tardes tomar café com Sinhá Rita, e ali ficavam até o cair da noite.

As discípulas, findo o jantar delas, tornaram às almofadas do trabalho. Sinhá Rita presidia a todo esse mulherio de casa e de fora. O sussurro dos bilros e o palavrear das moças eram ecos tão mundanos, tão alheios à teologia e ao latim, que o rapaz deixou-se ir por eles e esqueceu o resto. Durante os primeiros minutos, ainda houve da parte das vizinhas certo acanhamento, mas passou depressa. Uma delas cantou uma modinha, ao som da guitarra, tangida por Sinhá Rita, e a tarde foi passando depressa. Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que fizera rir Lucrecia.

- Ande, senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora. Vocês vão gostar muito.

Damião não teve remédio senão obedecer. Malgrado o anúncio e a expectativa, que serviam a diminuir o chiste e o efeito, a anedota acabou entre risadas das moças. Damião, contente de si, não esqueceu Lucrecia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria; ou teria rido para dentro, como tossia.

Saíram as vizinhas, e a tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se fazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fê-lo calar, mandou chamar dois negros, foi à polícia pedir um pedestre, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos, correu ao quintal e calculou que podia saltar o muro. Quis ainda saber se haveria modo de fugir para a Rua da Vala, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse o favor de o receber. O pior era a batina; se Sinhá Rita lhe pudesse arranjar um rodaque, uma sobrecasaca velha... Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

- Tenho um rodaque do meu defunto, disse ela, rindo; mas para que está com esses sustos? Tudo se há de arranjar, descanse.

Afinal, à boca da noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. O negócio ainda não estava composto; o pai ficou furioso e quis quebrar tudo; bradou que não, senhor que o peralta havia de ir para o seminário, ou então metia-o no Aljube ou na presiganga. João Carneiro lutou muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo, que dormisse a noite, e meditasse bem se era conveniente dar à religião um sujeito tão rebelde e vicioso. Explicava na carta que falou assim para melhor ganhar a causa. Não a tinha por ganha, mas no dia seguinte lá iria ver o homem, e teimar de novo. Concluía dizendo que o moço fosse para a casa dele.

Damião acabou de ler a carta e olhou para Sinhá Rita. Não tenho outra tábua de salvação, pensou ele. Sinhá Rita mandou vir um tinteiro de chifre, e na meia folha da própria carta escreveu esta resposta: "Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos". Fechou a carta com obreia, e deu-a ao escravo, para que a levasse depressa. Voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez no capuz da humildade e da consternação. Disse-lhe que sossegasse, que aquele negócio era agora dela.

- Hão de ver para quanto presto! Não, que eu não sou de brincadeiras!

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os, todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

- Ah! Malandra!

- Nhanhã, nhanhã! Pelo amor de Deus! Por Nossa Senhora que está no céu.

- Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

- Anda cá!

- Minha senhora, me perdoe!

- Não perdoo, não.

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

- Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista.

- Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

- Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

- Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

PARA DISCUTIR COM O PROFESSOR E OS COLEGAS...

1. Suas expectativas foram confirmadas?
2. O título do conto tem relação explícita com a história?
3. Quando Machado escreveu o conto e para que tipo de leitor (pensado no contexto histórico)?
4. Quais efeitos você acha que a história causou em quem a leu no séc. XIX e o que você sentiu ao lê-la?
5. Quais situações históricas podemos encontrar no conto em questão?
6. Qual a sua opinião sobre o desfecho do conto?



SE LIGA!

A crueldade era absurda como podemos observar. Em um Regimento dado por um senhor ao seu **feitor**, empregado que aplicava os castigos, estipulava-se que:

O castigo que se fizer ao escravo, não há de ser com pau nem tirar-lhe com pedras nem tijolos, e quando o merecer, o mandará botar sobre um carro, e dar-se-lhe-á com um açoite seu castigo, e depois de bem açoitado, o mandará picar com uma navalha ou faca que corte bem e dar-lhe-á com sal, sumo de limão, e urina e o meterá alguns dias na corrente, e, sendo fêmea, será açoitada à guisa de baiona (sic) dentro de uma casa com o mesmo açoite. (LARA, 1988, p. 74-75)

- ♦ Na imagem abaixo, podemos observar a representação de uma senhora rodeada por “crias” de casa, semelhante à Sinhá Rita, personagem machadiana. Nos dois casos, as jovens escravizadas são tomadas como posses/bens.



Figura 6: Senhora de algumas posses em seu lar, Debret, 1827.

3º momento – Agora nós iremos fazer algumas previsões do que esperamos encontrar na história *Pai contra Mãe*, refletindo sobre os nomes (das personagens e das ruas) escolhidos intencionalmente, e observando as descrições feitas pelo autor como uma estratégia de tecer sua crítica à escravidão.



ALGUMAS PREVISÕES...



- ◆ O conto que iremos ler a seguir é o *Pai Contra Mãe* (1906). Sobre o que você acha que será essa história, pensando no título?
- ◆ Na sua opinião, o título permite que nós descubramos do que se trata a história?

Agora, iniciemos nossa leitura para descobrirmos do que realmente se trata. Assim como no primeiro conto, faremos a leitura por partes para podermos discutir os acontecimentos. Se necessário, consulte o significado de palavras desconhecidas.

Valongo era o nome dado ao local para venda de escravizados, assim como o cais de Valongo no Rio de Janeiro;

Ladino diz-se de um indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito, esperto;

Quitandando é o mesmo que fazendo o ofício de quitandeiro;

Acoutasse o mesmo que esconder, dar abrigo;

Defastio significa em sentido figurado contentamento, entusiasmo;

Caiporismo estado, condição de má sorte constante ou frequente de alguém;

Patuscadas o mesmo que farra, festas.



PAI CONTRA MÃE – MACHADO DE ASSIS

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente", - ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

PARA REFLETIR...

✓ **Caro aluno(a), nessa primeira parte do conto já é possível empregarmos alguns sentidos. Anote suas respostas em seu caderno, pois ao final poderemos observar todos sentidos que conseguimos explorar.**

1. O conto inicia narrando alguns objetos usados para castigar os escravizados. Que efeito, tal descrição, causa ao leitor? Você acredita que pode ser intencional?



Imagem de “Quanto vale ou é por quilo?” – Sérgio Bianchi (2005)

[...] Tal máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura[...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento [...] (KILOMBA, 2019, p. 33)



2. Além dos aparelhos usados como castigos, os escravizados levavam surras para servirem de exemplo aos outros que pensassem em fugir ou desacatar o dono. No trecho “[...]o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói”, o que você acha que está sendo sugerido?



SE LIGA!

Na sociedade escravagista os sujeitos escravizados eram encarados como parte da propriedade dos senhores, assim como os bens materiais de uma casa. Nos testamentos deixados pelos senhores, podia-se comprovar essa mentalidade, pois neles constavam a quantidade de homens e mulheres escravizados que foram deixados de herança.

3. O conto foi publicado em 1906, mesmo assim, Machado de Assis inicia o conto descrevendo os aparelhos de tortura usados na época. Por que você acha que o autor escolheu esse tema mesmo 18 anos após a Abolição?

➤ **Agora, continuemos nossa leitura para descobirmos mais dessa história.**

Cândido Neves, – em família, Candinho, – é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos. Clara vinte e dous. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobresscritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

– Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

– Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

– Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

– Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digerira-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

– Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

– Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

– Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

– Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

– Certa como?

– Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

– A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

– Bem sei, mas somos três.

– Seremos quatro.

– Não é a mesma coisa.

– Que quer então que eu faça, além do que faço?

– Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

– Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelo alugueis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

– É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas consequências. Deixei-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

– Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dous jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

– Titia não fala por mal, Candinho.

– Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor, – crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dous foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

– Quem é? perguntou o marido.

– Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

– Não é preciso...

– Faça favor.

Para refletir...

1. Cândido Neves empenhava o ofício de capturar escravizados, todavia essa não era uma profissão bem vista, principalmente por Tia Mônica. Por que você acha que isso ocorria?
2. A escolha dos nomes dos personagens é outro referencial interessante para se discutir nessa obra. Nessa primeira parte, temos dois nomes de personagens que valem a busca por seus significados.



- Note-se que o nome das personagens Cândido Neves, derivado do latim *candidus* que quer dizer literalmente “branco, puro, ingênuo ou inocente”;
 - Clara, do latim *clarus* que quer dizer “luminosa, brilhante ou ilustre”
- ❖ Nesse caso, você acha que os nomes das personagens têm a ver com suas personalidades/características no conto?

➤ A RODA DOS EXPOSTOS/ENJEITADOS



Roda dos expostos (reprodução), Igreja e Santa Casa de Misericórdia, Salvador, Bahia

A roda dos enjeitados ou dos expostos era uma estrutura (um cilindro oco de madeira com prateleira que era girado 180° horizontal ou verticalmente por um impulso, o que fazia tocar uma campainha para chamar a atenção de alguém que recolhesse a criança do outro lado do muro) cuja mecânica permitia que pessoas anonimamente deixassem recém-nascidos, que seriam abandonados em lugares públicos (por isso chamados de expostos), aos cuidados de uma instituição filantrópica ou do Estado. A roda da cidade do Rio de Janeiro, adotada pela Santa Casa de Misericórdia, tem origem em 1738, esteve ativa por mais de dois séculos passando por diversos endereços até 1948 (SOARES, 2020)

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

– Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dous, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dous dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e da Ajuda, onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjara de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbonos.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na Rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

– Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do Largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

– Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

– Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

– Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

– Siga! repetiu Cândido Neves.

– Me solte!

– Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

– Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Para refletir...

Como em um jogo de xadrez, no qual o enxadrista estuda todos os movimentos das peças, Machado de Assis, movimenta cada elemento do conto a fim de chegar ao ápice da história.

CURIOSIDADE:



O jogo preferido do escritor **Machado de Assis** era o xadrez. Ele até chegou a participar do primeiro campeonato do jogo no Brasil. As peças que foram utilizadas pelo escritor estão em exposição até hoje na Academia Brasileira de Letras.

- O nome das ruas também são intencionalmente escolhidos pelo autor para provocar alguns efeitos de sentido no leitor:
 - Rua da Guarda Velha → Rua que, posteriormente, fora rebatizada como Rua 13 de Maio;
 - Rua da Ajuda → Local onde Candinho avista Arminda;
 - Rua São José → Local onde Candinho captura Arminda e ela diz estar grávida;



A Rua da Guarda Velha fora rebatizada como Rua Treze de Maio, em homenagem à Lei assinada pela princesa Isabel, porém o autor escolhe não mencionar o fato, intencionando demonstrar o que ela ainda representava para os escravizados da época, pois em 1906, ano de publicação do conto, eles ainda viviam em condições precárias mesmo após 18 anos de abolição.

- Que relações podemos fazer entre os nomes das ruas e os acontecimentos?
- No caminho até a casa do dono de Arminda, a mulher afirma que se fosse devolvida seria castigada mesmo estando grávida. Por que você acha que ela tinha tanta certeza disso?



SE LIGA!

O reconhecimento social da prática dos castigos de escravos, no entanto, esbarrava na questão da justiça e da moderação, pois somente aplicado nessas condições corresponderia ao que dele se esperava: a disciplina e a educação. A punição injusta e excessiva provocava, por seu turno, descontentamento e revolta. Punir o escravo que houvesse cometido uma falta, não só era um direito, mas uma obrigação do senhor. Isso era reconhecido pelos próprios escravos, mas não quer dizer que os castigos eram aceitos, ou seja, por intermédio dos castigos, caberia a tarefa de educar seus cativos para o trabalho e para a sociedade (LARA, 1988, p. 116).

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes cousas. Foi arrastando a escrava pela Rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

– Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

– É ela mesma.

– Meu senhor!

– Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

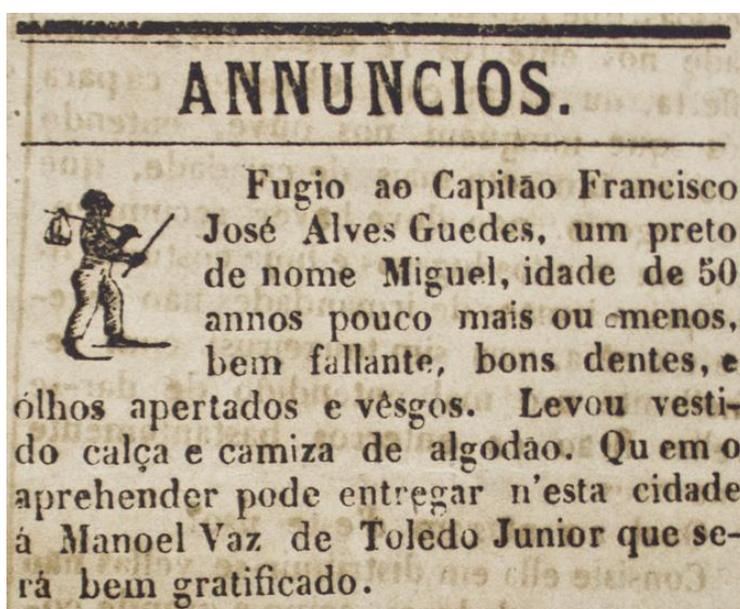
O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enfeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

– Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

Para refletir...

1. O fim da luta se dá na Rua da Alfândega. Pensando no significado da palavra "Alfândega", o que podemos concluir sobre a situação dos escravizados à época de Machado de Assis?
 2. Sobre a afirmação de Cândido Neves: "Nem todas as crianças vingam", podemos pensar que ele se refere a quais crianças? O que você acha que ele quis dizer com isso?
- **Além das descrições dos aparelhos usados para torturar os escravizados, Machado de Assis cita um costume muito comum do período escravocrata: os anúncios procurando por escravizados que fugiam. Abaixo, um recorte de um jornal da época.**



O Paulista, 20-11-1862

PARA DISCUTIR COM O PROFESSOR E OS COLEGAS...

1. Suas expectativas foram confirmadas?
2. O título do conto tem relação explícita com a história?
3. Quando Machado escreveu o conto e para que tipo de leitor (pensado no contexto histórico)?
4. Quais efeitos você acha que a história causou em quem a leu no séc. XIX e o que você sentiu ao lê-la?
5. Quais situações históricas podemos encontrar no conto em questão?
6. Qual a sua opinião sobre o desfecho do conto?

4º momento – Agora que nós conhecemos um pouco mais da escrita machadiana, vamos relacionar o conto *Pai contra mãe* (1906) de Machado de Assis com a adaptação cinematográfica *Quanto vale ou é por quilo?* (2005) de Sergio Bianchi, a fim de discutir como a escravização influenciou na situação atual dos afro-brasileiros.

O filme *Quanto Vale ou é por Quilo?* (2005) vai apresentando alguns casos em que a violência da escravização pode ser exemplificada, todos extraídos do Arquivo Nacional, ao passo que no intervalo entre cada um deles, o filme retorna à contemporaneidade e mostra algumas situações em que essa mesma violência ainda pode ser presenciada.

- Perceba, caro(a) aluno, que no conto *Pai contra Mãe* (1906) o autor inicia descrevendo os objetos de castigos da escravização através da linguagem verbal, ao passo que, no filme, esse trecho é apresentado por linguagem verbal e não-verbal: um fundo escuro com homens e mulheres escravizados, iluminados por uma luz forte, uma música melancólica ao fundo, o som da respiração de alguém e o narrador vai descrevendo o que era a máscara de folha-de-flandres.
1. Que sensações a cena causa no telespectador? O que você sentiu ao assisti-la?



- Mais adiante nós conhecemos a história de Mônica, Candinho e Clara, os três de classe baixa assim como no conto, formam uma família e Clara logo espera o primeiro filho com Candinho. No filme, Mônica também cobra de Candinho que ele arranje logo um emprego, pois caso contrário morrerão de fome. Do outro lado da cidade, temos Arminda, uma mulher negra e grávida engajada na luta por melhorias aos moradores da favela onde vive. Os caminhos de Cândido e Arminda se cruzam num trágico desfecho: por dinheiro, o jovem pai mata com um tiro a futura mãe, a pedido de um empresário corrupto que estava sendo pressionado por Arminda a ajudar a comunidade ou ela denunciaria os crimes dele.

2. Que sentido podemos empregar a esse embate entre Cândido e Arminda no filme, sabendo que ele aconteceu devido a algumas circunstâncias causadas principalmente pela corrupção e ambição de pessoas poderosas?

Captura de tela do filme *Quanto Vale ou é por Quilo?* De Sérgio Bianchi (2005) Arminda (Ana Carbatti), grávida e morta por um tiro.



3. Você acha que com o fim da escravização os problemas enfrentados pela população negra brasileira foram extintos, tendo em vista a realidade representada no filme?

Captura de tela de reportagem da CNN Brasil, Grávida de 24 anos morre após ser baleada no Rio



Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/modelo-gravida-morre-apos-ser-baleada-em-confronto-no-rio/>

• PARA REFLETIR!

“Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2019, as polícias brasileiras bateram o recorde de registro de mortes desde que o estudo foi iniciado em 2013, foram 6.357 pessoas, 80% delas negras, 99% do sexo masculino. Ao todo, 74,3% das vítimas de intervenções policiais eram jovens de no máximo 29 anos, percentual bastante superior à média das mortes violentas intencionais, nas quais jovens formam 51,6% das vítimas.” (CATARINAS, 2021, *online*)

- Tanto o conto de Machado de Assis, quanto o filme de Sérgio Bianchi, representam uma importante reflexão sobre a ilusão do fim dos problemas raciais com o término da escravização. Machado já previa em seu tempo que, a abolição acontecendo sem uma política de reparação, reverberaria na vida dos escravizados pela vida toda. Bianchi mostra como a pobreza acaba sendo realidade de muitos negros no Brasil, já que a população não tem as mesmas oportunidades de acesso.

➤ **Com isso, caro(a) aluno(a), podemos compreender porque Machado de Assis é considerado um dos grandes autores da nossa literatura e a razão de se fazer tão atual mesmo depois de mais de 1 século de sua escrita. Infelizmente, a realidade representada por ele no século XIX ainda reverbera de inúmeras formas na nossa sociedade. Portanto, cabe a nós lutar, da maneira que pudermos, por uma verdadeira igualdade de direitos e para o fim do racismo.**



mission Passed!

RESPECT + 99

5º MOMENTO – PROPOSTA DE ATIVIDADE:

Querido(a) aluno(a), espero que essa oficina tenha sido prazerosa para você e que tenha o(a) ajudado a compreender um pouco mais do universo machadiano. Desde já, agradeço sua colaboração. Para encerrarmos com “chave de ouro” nosso trabalho juntos, faremos nossa própria releitura dos contos de Machado de Assis.

**MÃOS À OBRA!**

1. Escolha um dos contos estudados para servir de base para a sua criação. Você irá atualizar uma das histórias trazendo-a para a nossa contemporaneidade, mas mantendo a essência da história para que possamos reconhecê-la ainda.
2. A linguagem deverá ser mais aproximada da que costumamos usar. As personagens podem usar gírias se for necessário para o enredo.
3. Se quiser, pode fazer em forma de História em Quadrinhos, cordel, música ou manter na linguagem do Conto.
4. Depois de pronta, apresente sua criação aos colegas e ao professor.



REFERÊNCIAS:

- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de. **Relíquias de Casa Velha**. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro Editor, 1906. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00212100#page/1/mode/1up>. Acesso em: 10 de set. de 2019.
- _____. O caso da vara. In: ALVES, Roberto. **Contos escolhidos**. São Paulo: Klick, 1997.
- CATARINAS, Portal. Caso Kathlen e a produção de mortes pelas polícias brasileiras. **Projeto Colabora**. Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2021. Acesso em: 24 de ago. de 2021. Disponível em: <https://projctocolabora.com.br/ods16/caso-kathlen-e-a-producao-de-mortes-pelas-policias-brasileiras/>
- DIAS, Guilherme Soares. Trabalho infantil negro é maior até hoje por herança da escravidão no Brasil. **Rede Peteca**. São Paulo, 20 de jan. de 2021. Disponível em: <https://livredetrabalho infantil.org.br/especiais/trabalho-infantil-sp/reportagens/trabalho-infantil-negro-e-maior-por-heranca-da-escravidao/> Acesso em: 15 de abril de 2021.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente** - escritos de caramujo. (Antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LARA, Silvia Hunold. **Campos da Violência**: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SILVA, Rafael Domingos Oliveira da. “Negrinhas” e “negrinhos”: visões sobre a criança escrava nas narrativas de viajantes (Brasil, século XIX). **Revista de História**, 5, 1-2 (2013), p. 107-134. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/28220/16743>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- SOARES, Marcelo Pacheco. As ruas do Rio de Janeiro oitocentista e a construção de sentidos no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. **Páginas Paisagens Luso-Brasileiras em Movimento**, 2020. Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/machado-de-assis-as-ruas-do-rio.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.